

CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO EM CONFLITO: MONOCULTIVOS ARBÓREOS E TURISMO EM SÃO FRANCISCO DE PAULA/RS.

**Carla Hirt – Mestre em Geografia. E-mail: hirt.carla@gmail.com
Antonio Carlos Castrogiovanni – Dr. Em Geografia; E-mail: 00000435@ufrgs.br**

RESUMO

Este trabalho é baseado na dissertação de mestrado concluída em 2009, que consiste em uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, realizada a partir do Paradigma da Complexidade, sobre as dinâmicas sócio-econômico-espaciais observadas no município de São Francisco de Paula/RS. No estado do Rio Grande do Sul, atualmente, os monocultivos arbóreos vêm se mostrando cada vez mais presentes na Paisagem e na economia. O mesmo está acontecendo com relação ao Turismo – que tem na Paisagem os elementos fundamentais para o seu desenvolvimento – e que, atualmente, aparece despontando como uma nova atividade presente no Espaço Rural.

Entender como essas novas dinâmicas atuam na (trans)formação do Espaço Geográfico, mais especificamente, no município de São Francisco de Paula, e como/porque os Sujeitos atuam de determinadas maneiras frente a elas, nos pareceu ser o caminho mais adequado na tentativa de compreendermos provisoriamente como as transformações provocadas pelos monocultivos de Pinus em São Francisco de Paula podem interferir no Turismo praticado. Assim, buscamos entender os conflitos de interesse entre os Sujeitos que praticam essas duas atividades econômicas, e como se posicionam e agem os Sujeitos residentes e os Sujeitos responsáveis pela gestão deste Território no que diz respeito ao *desenvolvimento* local.

Palavras-Chave: Turismo, monocultivo arbóreo, Paisagem, desenvolvimento.

Introdução

Atualmente, no Estado do Rio Grande do Sul, os monocultivos arbóreos vêm se mostrando cada vez mais presente na Paisagem e na economia.

As espécies do gênero *Pinus sp.* – oriundas principalmente da América do Norte – se adaptaram muito bem no sul do país e vêm sendo plantadas no Brasil há

mais de um século (BACKES e IRGANG, 2004). Essas espécies de Pinus têm apresentado importância comercial singular, pois são largamente utilizadas, principalmente na construção civil, na indústria moveleira e na de celulose. Além da expansão das plantações intensivas de Pinus, outro fato que está se tornando mais presente é o crescimento das atividades relacionadas ao Turismo.

Em São Francisco de Paula (RS), esses fatores ocorrem simultaneamente e vêm causando muitas divergências de opinião. Devido à expansão dos monocultivos arbóreos, é possível constatar mudanças no espaço, podendo vir a descaracterizar a Paisagem em seus aspectos mais representativos – campos e pecuária, bosques de mata nativa com Araucárias, espécie vegetal nativa da região –, o que parece ser um inconveniente para as atividades turísticas locais.

São Francisco de Paula está localizado na chamada Encosta Inferior do Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, em uma região fisiograficamente classificada como *Campos de Cima da Serra*.

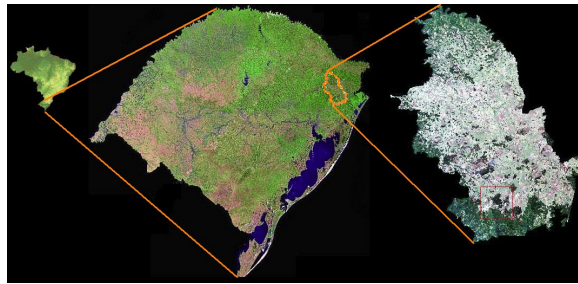


Figura 1- Brasil, Rio Grande do Sul e São Francisco de Paula, respectivamente.

A partir do que está posto, surgem inquietações que pretendemos abordar ao longo da pesquisa: De que desenvolvimento estamos falando? O Turismo é uma alternativa frente aos monocultivos arbóreos ou não? Existem conflitos de interesses em função da (re/des)organização espacial? O avanço dos monocultivos arbóreos pode vir a prejudicar o Turismo em São Francisco de Paula ou não? Por quê?

Compreender provisoriamente como/se há conflito de interesses entre os Sujeitos que investem em monocultivos arbóreos em suas propriedades, e os que investem no Turismo, se configura como a questão central de pesquisa.

Durante muitos anos, o município baseou a sua economia na pecuária e na extração e beneficiamento da madeira de árvores da espécie *Araucaria angustifolia* (TEIXEIRA, 2002), o que deu origem a uma cultura ligada à Paisagem que esses elementos compunham. Essa cultura, por sua vez, valoriza as atividades relacionadas à vida no campo e ao que muitos identificam como o tradicionalismo gaúcho, que parece ter preservado parcialmente, até os dias de hoje, através das

músicas, dos rodeios e festas tradicionais.

Pensamos neste momento que, o avanço dos monocultivos arbóreos podem ser um fator que atua significativamente como agente transformador dos arranjos espaciais – o que se reflete na Paisagem, uma vez que se caracteriza pelo monocultivo de *Pinus elliottii* (Pinus), que traz consigo transformações não só no aspecto da vegetação, mas também na fauna e nas manifestações culturais.

Transitamos com o Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, que nos possibilita contextualizar os fenômenos locais nas lógicas globais, numa tentativa de não gerar um conhecimento fragmentado, separado do todo que o compõe. Assim, os impactos dos monocultivos arbóreos sobre o Turismo local não devem ser analisados da forma linear causa- consequência; mas num movimento sistêmico de multidimensionalidades que interagem, são complexos e não têm fim.

O aumento das áreas destinadas ao monocultivo arbóreo pode estar relacionado a uma antiga prática comum no município: a extração de Araucárias, que propiciou a presença de madeiras. A proibição da extração de árvores nativas, em 1992, acarretou em um aumento significativo nas áreas ocupadas pelo plantio dessa espécie exótica para fins industriais.

Um dos problemas no manejo inadequado das plantações dessa espécie exótica no município é o seu potencial invasivo. Por ser de fácil propagação e de difícil controle – uma vez que as suas sementes, ao serem levadas pelo vento, germinam livremente sobre os campos, lavouras e beiras de estradas – o *Pinus* é considerado um invasor perigoso nos ecossistemas naturais (BACKES e IRGANG, 2004). Além disso, nas áreas em que as espécies de *Pinus* são utilizadas na forma de monocultivo, pode ocorrer a diminuição da biodiversidade, podendo acarretar inclusive no desaparecimento de espécies endêmicas¹. Já é possível notar – segundo relatos de moradores – a diminuição da frequência com que são vistas algumas espécies, tanto animais quanto vegetais na região.

Neste sentido, pensamos que o Turismo estudado possa ser uma alternativa viável, que propicie novas fontes de renda para algumas famílias, a manutenção dos ritmos nos quais a Paisagem vem sendo (re)construída e o fortalecimento da prática de alguns fatores culturais da população do município surgem os questionamentos.

Durante visitas informais ao município enquanto turista, antes mesmo de esta pesquisa ter início formalmente – no ano de 2006 – alguns proprietários de

¹ Espécies que existem apenas em um determinado bioma.

estabelecimentos destinados ao Turismo já diziam temer que os Sujeitos turistas que visitavam o município à procura da natureza e dos símbolos que remetem à cultura local deixariam de fazê-lo. Isso porque parte do espaço já reflete as transformações da Paisagem em função da introdução das plantações intensivas de Pinus, principalmente junto às estradas (locais por onde o turista passa para se dirigir às localidades onde deseja chegar) e a alguns dos principais atrativos turísticos do município.

A importância de sabermos se existe um conflito de interesses entre o Turismo e a plantação intensiva de Pinus está na possibilidade de podermos mediar essas questões, identificando os problemas e os pontos críticos, para que este trabalho possa ser utilizado como uma ferramenta que, mesmo incompleta, auxilie na gestão do Território, beneficiando a população local, mas também com a preocupação no que diz respeito à questão ambiental.

1. Caminhos/caminhada metodológica

Esta é uma Pesquisa Qualitativa, de caráter exploratório, do tipo estudo de caso. Contudo, relembramos que os fenômenos aqui vistos se tecem conjuntamente com o todo. Dessa forma, buscamos ligar este estudo de caso com o desafio do complexo de, ao mesmo tempo, unir, contextualizar e globalizar, sem ter a pretensão de esgotarmos a análise.

A observação empírica foi o ponto de partida do caminho metodológico que pretendemos trilhar, e pretendemos transitar com os princípios do Paradigma da Complexidade, a partir das contribuições de Edgar Morin (2003).

Entre os princípios da complexidade, destacamos a Dialógica, o Princípio Hologramático e o Princípio da Auto-Eco-Organização. Os demais princípios se mostram presentes do decorrer do trajeto sem serem priorizados neste trabalho.

Como procedimentos, as atividades de campo foram importantes, pois possibilitaram o contato direto com a área de estudo. Durante as idas a campo, observamos os impactos que o monocultivo de Pinus causa no Espaço Geográfico, como esses movimentos se refletem na Paisagem, e a percepção dessas mudanças por determinados sujeitos. Além disso, cruzamos as informações coletadas em campo com os demais procedimentos citados a seguir: I. Fotografias; II. *Entrevistas com:* sujeitos turistas, prefeito que assinou o Plano Diretor municipal, Secretário de Turismo, sujeitos proprietários de estabelecimentos nos quais se pratique o turismo,

sujeito técnico agrícola do município; III. Imagens do satélite Landsat 5, sensor TM, de outubro de 2008, que foram processadas com o auxílio dos Softwares ENVI 4.3 e ArcGis 9.2 - os quais foram fornecidos pelo Centro Estadual de Pesquisas em Sensoriamento Remoto e Meteorologia (CEPSRM); IV. Agenda de eventos do município; V. Plano-Diretor de São Francisco de Paula; VI. Folheteria turística do município, VII. Sítios relacionados ao Turismo em São Francisco de Paula e; VIII. Consulta às obras em fontes secundárias que tratem de questões do município – como a história, características geográficas, entre outros.

2. Revisão conceitual teórica

Neste momento, acreditamos ser relevante destacar o motivo pelo qual evitamos utilizar o termo comumente escutado nos meios de comunicação quando tratam de “silvicultura”: maciço florestal.

Silvicultura é uma palavra derivada do Latim (*silvester*) que remete à Floresta. Entendemos neste momento que, para ser floresta, é preciso que exista biodiversidade. Cabe salientar que não estamos falando somente de espécies vegetais, mas de espécies animais também. Isto posto, pensamos que a utilização dos termos “silvicultura” e “maciço florestal” são equivocados, uma vez que não é possível identificar uma biodiversidade significativa no interior dessas áreas. Dessa forma, quando utilizarmos a palavra “silvicultura” será para nos remetermos a estudos em que essa palavra é utilizada, ou para respeitarmos as falas dos sujeitos entrevistados que utilizaram este termo.

Nesta pesquisa utilizaremos alguns conceitos importantes para pesquisas em Geografia, tais como *Espaço Geográfico* (SANTOS, 1997); *Paisagem* (SENE, 2003), (SANTOS, 1996). (CASTROGIOVANNI, 2003); *Lugar* (TUAN, 1990) e *Globalização* (CANCLINI, 2005), assim como buscaremos estabelecer um diálogo entre conceitos de outras áreas do conhecimento e que para esta pesquisa são importantes – tais como os conceitos de *Cultura* (BERQUE, 1998), *Turismo* (BENI, 1998), *Atrativo Turístico* (BENI, 1998), *Sujeito* (MORIN, 1996), *Identidade* (CASTELLS, 2001) - entre outras subcategorias de análise que possamos recorrer para darmos conta do nosso objeto de estudo, caso seja necessário.

A análise da Paisagem é um instrumento importante nesta pesquisa pois, como ela exprime também uma história, ela pode nos ajudar a entender sua

(trans)formação ao longo dos anos em São Francisco de Paula.

Como exemplo, citamos a pecuária extensiva que é um elemento histórico importante para a conservação (em parte) das características naturais da região (campos), além de parecer possuir íntimas ligações com a cultura local (fotos 1 e 2).



Foto 1 – Paisagem típica em propriedade que se dedica à pecuária extensiva em São Francisco de Paula.

Fonte: Foto da autora em 05/2007.



Foto 2 – Paisagem dos Campos de Cima da Serra.

Foto: Marli Tereza Michelsen de Andrade em 05/2007.

Esses fatores parecem ser fundamentais para entendermos a Paisagem predominante ao longo dos anos na chamada região dos Campos de Cima da Serra.

Graças aos fatores históricos, desenvolveu-se uma população com identidade cultural que deixou e deixa as suas marcas no espaço. As formas-objetos, enquanto *significantes*, são assumidas pelos seus *significados* pela totalidade (SANTOS, 1986, p. 24) – o que nos leva a destacar que os símbolos contidos nos objetos de uma Paisagem podem nos dizer muito sobre as dinâmicas socioespaciais. Em função dos monocultivos arbóreos – o Espaço Geográfico do município vem se transformando - como mostram as fotos que seguem.



Foto 3 - Diferença na Paisagem causada pelos diferentes usos do solo, em São Francisco de

Paula.

Fonte: Foto de Luiz Fernando Mazzini Fontoura em 05/2007



Foto 4 - Diferença na Paisagem causada pelos diferentes usos do solo, em São Francisco de Paula.

Fonte: Foto de Aldomar Arnaldo Ruchert em 05/2007.



Foto 5 - Diferença na Paisagem causada pelos diferentes usos do solo.

Fonte: Foto da autora em 08/2008.

Nas fotografias 3 e 4, podemos perceber certa homogeneização refletida na Paisagem em função dessas lógicas hegemônicas, nas quais, para obter maior lucro, uma espécie arbórea toma lugar de uma diversidade biológica, padronizando uma parcela do espaço e facilitando o processo produtivo. Na foto 5, podemos observar o contraste que fica na paisagem quando a área de monocultivo arbóreo é cortada.

Destacamos também os impactos dos monocultivos junto aos pontos turísticos, como é possível observarmos nas fotos que seguem: A primeira, é de um mapa turístico do Parque da Cachoeira, em que aparecem espacializadas as áreas de monocultivo arbóreo, o que nos faz perceber que essa é uma atividade econômica que não está passando despercebida no que diz respeito aos impactos que causam à paisagem. Na foto 7 é observamos uma extensa área com monocultivo arbóreo junto a um rio e uma cachoeira que são os principais atrativos turísticos do mesmo parque.



Foto 6 – Mapa do Parque da Cachoeira sinalizando as áreas com monocultivo arbóreo.
 Fonte: Foto de Evelin Biondo em 11/2008.



Foto 7 – Monocultivo de Pinus no parque da Cachoeira.
 Fonte: Foto da autora em 11/2008

Uma característica marcante do município diz respeito a fatores identitários da população. Segundo diversas fontes primárias e secundárias consultadas, é bastante presente, a intenção de reforçar que a identidade de São Francisco de Paula seja reconhecida principalmente pelos costumes tradicionalistas. Estes estariam presentes no dia-a-dia da comunidade, na culinária, nos eventos e nas lidas campeiras – atrativos que interessam ao Turismo. Dos trinta e três eventos listados no site da Prefeitura municipal, dezessete estão ligados ao imaginário do campo, destacando rodeios, feiras gastronômicas, entre outros. Esta caracterização nos ajuda a entender como a questão cultural está ligada ao espaço rural, às chamadas “lidas campeiras” e à tentativa de preservação ou resgate dos costumes do “gaúcho serrano”.

Durante trabalhos em campo, percebemos que existem muitos fatores identitários que estão atrelados à Paisagem do município. Parece ocorrer um processo de construção de significados baseados em um conjunto de atributos culturais interrelacionados – não esquecendo que a Paisagem é, neste momento, entendida como marca e matriz da Cultura (BERQUE, 1998). Os Pinus não aparecem retratados nos quadros pintados e pendurados nas paredes das casas e equipamentos turísticos, diferente das Hortênsias (espécie asiática (*Hydrangea opulcides*), plantada junto às rodovias que interligam os municípios que pertencem a essa região (ver foto 8)



Foto 8 - Foto de quadro pintado por um artista local que retrata Hortênsias e Araucárias. Local: Restaurante em São Francisco de Paula.
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.

Pensamos que isso pode ser reflexo das múltiplas identidades que podem haver para um Sujeito ou até mesmo para um ator coletivo. Essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social (CASTELLS, 2001, p. 22). É o que podemos observar nas fotografias que seguem, as quais contêm elementos que parecem ser importantes para a compreensão dos elementos que são marca e matriz da cultura na paisagem:



Foto 9 – Foto de quadro pintado por um artista local em hotel de São Francisco de Paula.
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.



Foto 10 – Foto de quadro em hotel de São Francisco de Paula, pintado por um artista local
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.

3.Monocultivos arbóreos: desenvolvimento para quem? para quantos?

Ao tratarmos das estratégias que parte dos Sujeitos residentes em São Francisco de Paula encontrou para buscar o desenvolvimento socioespacial, estaremos abordando este a partir da perspectiva de que:

Crescimento e modernização, se não forem acompanhados por distribuição da riqueza socialmente produzida e atendimento de necessidades materiais e não-materiais elementares, não devem, por conseguinte, valer como indicadores de desenvolvimento em sentido estrito. O que implícita ou explicitamente está aí sendo colocado é a pertinência da substituição do conceito economicista de desenvolvimento das teorias da modernização por outro mais abrangente, *social*. (SOUZA, 1996, p. 7-8)

No espaço rural do Rio Grande do Sul e, em especial, em São Francisco de Paula) os monocultivos arbóreos estão trazendo consigo uma grande movimentação monetária e de tecnologias (seja a biotecnologia envolvida na manipulação das espécies a fim do chamado “melhoramento”, ou com relação aos insumos envolvidos na produção). Mas será que, mesmo com os aspectos levantados, a plantação intensiva de Pinus pode ser sinônimo de desenvolvimento, ou de crescimento econômico? E se for, é para quem? Para quantos?

Essas novas tecnologias, apesar de trazerem benefícios para o produtor (muitas vezes grandes empresas e/ou empresários de outros municípios, de outro Estado ou de outros países), são altamente excludentes. Isto por que muitas vezes acabam levando à expulsão do homem do campo ao substituir a força de trabalho de muitos, que poderiam estar tirando seu sustento da terra, por máquinas ou por formas de produção que não exigem muita mão-de-obra. Não tendo alternativa, esses sujeitos acabam por se dirigir para as áreas urbanas em busca de novas

oportunidades, que muitas vezes não encontram.

Isso fica explicitado na fala de um proprietário de estabelecimento destinado ao Turismo de São Francisco de Paula, que, ao ser perguntado sobre os impactos dos monocultivos arbóreos sobre o Turismo no município, respondeu da seguinte maneira:

Olha, compromete na beleza dos nossos campos, no empobrecimento do nosso povo, que já está sendo sucateado. Vai empobrecendo, vai descaracterizando o nosso homem, vai expulsando ele para o cinturão da cidade grande. É assim que eu penso. Vêm os plantadores aqui, com propostas exorbitantes, sedutoras, e eles acabam vendendo (suas terras) e vão morar no cinturão da cidade. E aí acontece de tudo. Pergunta para esses que plantam, de onde eles vieram, como estão as terras lá? (Entrevista com proprietário de estabelecimento turístico em São Francisco de Paula em novembro de 2007)

Outro exemplo são os danos ambientais envolvidos na maneira como essa atividade vem sendo implantada. Um sujeito que planta monocultivos arbóreos em sua propriedade deu a seguinte resposta ao ser questionado sobre os futuros destinos de áreas destinadas ao plantio intensivo de Pinus:

Proprietário – na verdade eles falam que estraga, mas não estraga não se quiser fazer lavoura é só arrancar os tocos e se quiser plantar de novo não precisa nem plantar ele mesmo vem, depois que assentar.[...] o toco é questão de sete, oito anos apodrece. [...] não atinge a terra em nada, água também não seca nada e não muda nada.

Carla – Quando o Sr. comprou essa propriedade, o que tinha nela?

Proprietário – não tinha nada. Era uma coxilha limpa, mas nada mesmo.

T. – quando cheguei aqui não tinha nem um pezinho de árvore.

Proprietário – a gente vinha aqui era uma ventania no inverno um frio e não tinha propriedade nenhuma os pinheiros secos uma barbaridade, mas estamos aí agora.

(Entrevista com sujeito que possui monocultivos arbóreos. Realizada em dezembro de 2008)

O Sujeito entrevistado mora em Caxias do Sul, no distrito de Ana Rech, e possui monocultivos arbóreos na propriedade em São Francisco de Paula há cerca de dez anos. Pensamos que o fato de o Sujeito ser residente de um local onde a Paisagem seja diferente da Paisagem dos Campos de Cima da Serra pode ter sido importante para entendermos temporariamente a sua aparente falta de Identidade com relação aos campos e coxilhas de São Francisco de Paula. Isso está claro na sua fala, na qual ele diz que, quando comprou a propriedade, não “tinha nada. Era uma coxia limpa, mas nada mesmo”. Na sua interpretação, ter plantado Pinus foi

algo positivo para o ambiente. Assim, resolveu transformar o espaço em algo que refletisse uma Paisagem que fez parte de suas matrizes culturais. O entrevistado também não reconhece como impacto ambiental o fato de o Pinus brotar naturalmente após ser cortado, ou de revolver a terra em caso de se querer plantar alguma lavoura, para arrancar os tocos das antigas plantações, além da diminuição da biodiversidade – que não está adaptada a essa espécie exótica, entre outros. Nos registros fotográficos que seguem (fotos 11 e 12) pensamos ilustrar o impacto na Paisagem que resulta desses monocultivos arbóreos, antes e depois do corte.

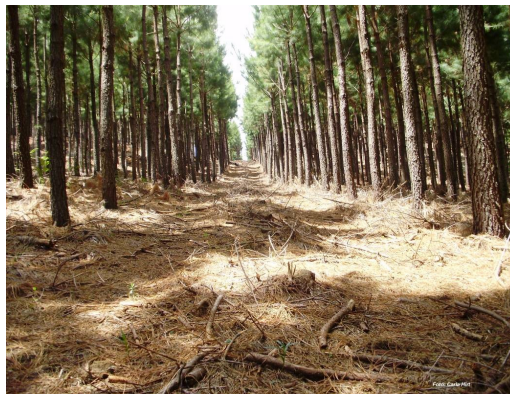


Foto 11 - Área de monocultivo de Pinus às margens da RS 020.
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.



Foto 12 - Área onde foi praticado o monocultivo de Pinus – após o corte das árvores, nas margens da RS 020 em São Francisco de Paula.
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.

Ao ser questionado sobre o destino de uma área em que foi praticada a plantação intensiva de Pinus, após o corte, um técnico agrícola do município deu a seguinte resposta:

Replanta Pinus. Ele não é a melhor coisa, mas pra ganhar dinheiro, sim. Se tu não pensares a parte ambiental, tu plantas ele. E esse pessoal de fora não tem compromisso com São Chico. Tem empresário que manda o técnico deles aí, compra, e só vem para assinar a escritura, quando não faz uma procuração. Eles não estão nem aí para São Chico. [...] Eles têm máquinas, eles invadem banhados. Se eles pegam 500 ha, eles querem

plantar 510. usam até o limite do DAER. Essa é a parte ruim. Se eles respeitassem a legislação, não teria problema nenhum.(Entrevista com Técnico Agrícola do município. Em novembro de 2007).

Em campo, notamos na Paisagem que parte dos cursos d'água, banhados e áreas de interesse para a preservação dos recursos hídricos já se encontram com certo grau de comprometimento, tanto paisagisticamente quanto ambientalmente. Perguntamos ao leitor, sujeito participante dessas reflexões: Gostaria de praticar Turismo em uma área com paisagem semelhante às das fotos 11 e 12? Por quê?

Nas falas dos Sujeitos entrevistados, percebemos uma avaliação crítica dos atuais movimentos que estão transformando a Paisagem do município, destacando os impactos ambientais que, ao longo dos anos, eles parecem ter observado. Relatos com relação aos impactos, recursos hídricos (fontes de água que secam, diminuição na vazão dos rios, entre outros) foram muito frequentes.

4. Turismo e/ou monocultivos arbóreos?

A partir de observações empíricas, neste momento pensamos que o Turismo aparece como uma alternativa para algumas famílias que, com os baixos ganhos econômicos referentes à atividade da pecuária, optaram pela união dessas duas atividades. Como exemplo, citamos a fala de Sujeito entrevistado, onde observamos a questão cultural vinculada à pecuária, além das possibilidades que o Turismo associado à pecuária pode trazer no que diz respeito aos ganhos econômicos:

N: [...] Nós temos uma área grande, nós temos a natureza e nossa economia é muito fraca porque tem criação de gado. Criação de gado da pouca renda. Aí um dos outros motivos que eu escolhi trabalhar com Turismo e agregar mais renda aqui à propriedade. A gente se sente realizado com o Turismo, eu me sinto realizado, por que se aprende todos os dias. (Entrevista com Sujeito proprietário de Hotel Fazenda em São Francisco de Paula em novembro de 2008)

Após pesquisa em campo e entrevistas com Sujeitos que atuam das mais diversas formas no Território de São Francisco de Paula, tecemos algumas considerações provisórias sobre as inter-relações entre turismo e monocultivos de Pinus no município.

Ao entrevistarmos alguns Sujeitos turistas, nos deparamos com diferentes reações com relação à Paisagem. Alguns não observaram somente a estética, mas

as transformações que as ações humanas causam no espaço e que refletiram na Paisagem. As principais (transform)ações humanas citadas foram o monocultivo arbóreo e o plantio de batatas.

Em entrevista com dois Sujeitos residentes em Caxias do Sul que estavam visitando o Passo da Ilha, quando questionados se quando pensam em São Francisco de Paula associam algum tipo de Paisagem ao município, dizem:

V: Eu, até hoje, o que eu mais associava era as barragens mesmo. Tem duas, tem a do Blang e a da divisa lá e tem uma outra imagem de tempos atrás, tinha Morrinhos, Ouro Verde, foi para lá uma vez e também gostei muito daquele lugar lá

E: E a senhora?

D: Eu nem sei, os campos assim que eu gosto, e a natureza mesmo, que é mais do que Caxias... aqui é mais [...] mais natureza também. Até eu esperava que fosse até mais, mais esses Pinus, não sei como se chama. [...] Pinus Eliot, eu acho assim, que não deveria ser plantado na beira do rio. [...] Eu acho, porque diz que aquilo ali pega água. [...] É, eu vi daqui que têm bastante plantaçoão, que eu até falei ontem, não deveriam plantar na beira de rio.

V: por que a gente conhece, porque onde têm fontes de água que é plantado esse Pinus, ela seca.

D: É, que ela não é uma árvore nativa. No caso, ela é uma planta que seca, embaixo dela mesmo não vem vegetação nenhuma também, né? Ela é boa, acho, para vender para construção, essas coisas, mas não deveria ser plantado muito assim, né perto da água, eu acho. (Entrevista com Sujeitos Turistas, realizada em novembro de 2008)

Nesse momento, achamos interessante perguntar aos Sujeitos entrevistados se eles destacam o monocultivo arbóreo como algo positivo ou negativo na Paisagem:

V: Negativo

D: Eu acho. Devia ser plantado mais essas árvores daqui, nossas...

V: Até o próprio eucalipto, acácia é melhor, fica mais bonito na Paisagem do que esse Pinus aí. Eu não sei, eu gosto dele. Não sei por que, mas não gosto dos Pinus. (Entrevista com Sujeitos Turistas realizada em novembro de 2008)

O *Pinus Elliottis* não pareceu ter despertado uma boa impressão, possivelmente por um conhecimento prévio dos sujeitos sobre os impactos que as plantações intensivas de *Pinus* podem causar ao meio ambiente, segundo um conhecimento popular difundido que também foi observado durante as entrevistas. Nas imagens que seguem, observamos um exemplo do que seriam as plantações junto aos corpos d'água. Na fotografia, vemos uma grande área destinada ao

monocultivos de Pinus, às margens do rio Tainhas, mais precisamente no Passo da Ilha - atrativo turístico muito visitado na divisa dos municípios de São Francisco de Paula e Cambará do Sul.



Foto 13 - Paisagem registrada no Passo da Ilha, em São Francisco de Paula.
Fonte: foto da autora em 15/11/2008.

Na figura que segue temos uma imagem de satélite em que é possível observar as dimensões dessa área com monocultivo arbóreo. É importante pontuarmos que essa área está contida dentro do Parque Estadual do Tainhas, que tem a finalidade de proteger os recursos naturais existentes na Mata Atlântica no Rio Grande do Sul, incluindo o ecossistema dos Campos de Cima da Serra e as matas do vale do rio Tainhas.

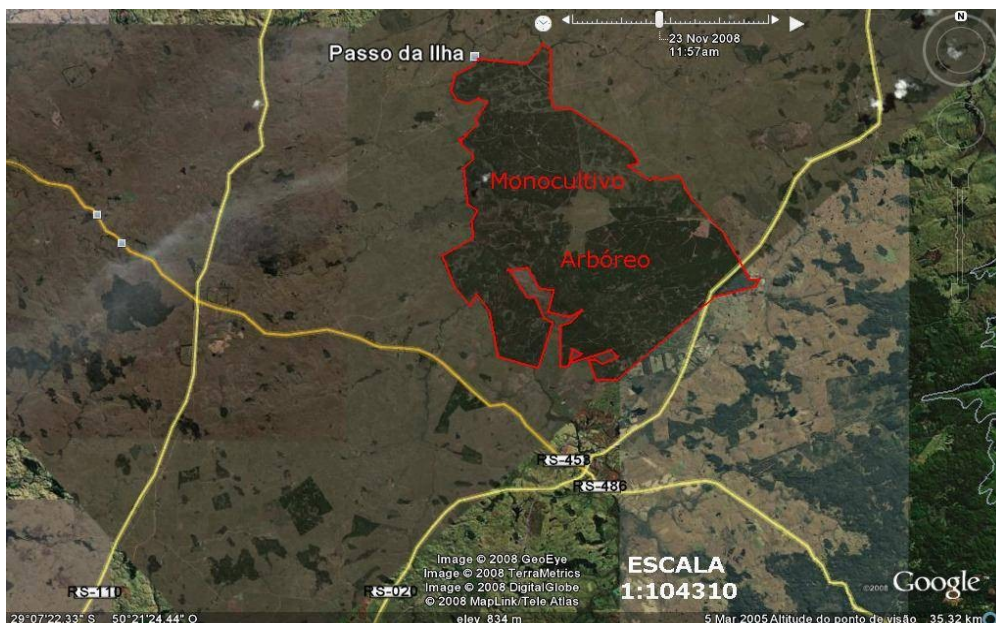


Figura 2 - Imagem de satélite que localiza o Passo da Ilha e a área com monocultivo de Pinus Elliottis junto ao Rio Tainhas.

Acreditamos ser importante destacar que, se o impacto na Paisagem, neste momento, já é visível, não podemos deixar de tentar fazer uma alusão de como essa área pode ser impactada não só paisagisticamente, mas também

ambientalmente, assim que for efetuado o corte dessas árvores. Na foto que segue, podemos observar novamente como fica o solo após o corte das árvores.



Foto 14 - Área onde foi efetuado o corte do monocultivo de Pinus , em São Francisco de Paula.

Fonte: Foto da autora em 15/11/2008.

Se alguns Sujeitos residentes ou não em São Francisco de Paula já observam de forma crítica as transformações na Paisagem ocasionadas pelos monocultivos arbóreos, enquanto as árvores ainda não foram cortadas, o cenário que deve ficar nessas áreas após o corte possivelmente deve chocar e chamará a atenção dos Sujeitos que se depararem com essas paisagens. Isso não somente junto aos cursos d'água, mas junto às entradas e também ao longe, até onde a vista alcança.

Em entrevista com outro Sujeito turista, quando questionado se ele observou alguma mudança na estrutura da Paisagem durante os cerca de vinte anos que ele frequenta São Francisco de Paula, novamente os impactos das plantações de Pinus são citados:

L. - O que eu percebi assim nos últimos anos, algumas questões, mudanças geográficas, por exemplo: por transitar muito nas estradas, a gente vai vendo que os campos, né! Em vez de servir como pra criação de gado, ela tá sendo trocado por culturas como o Pinus Elliottis. É uma cultura que eu não vou dizer que sou contra ou a favor, acho até que daqui a pouco precisa de uma questão de preservação ambiental, mas ele modifica a Paisagem por ser uma espécie que não é natural daqui. Então a gente perde em riqueza, em beleza cultural, me parece que isso prejudica o Turismo e tal e ainda as características da região né! Me parece que seria mais importante a preservação das culturas locais. Acho que tem condições, tem viabilidade financeira basta uma questão, né? De movimento do Estado, digamos assim, municípios estarem em união mesmo. Porque os entes públicos têm que se preocupar mais com essas questões, por que se tu deixar ao livre arbítrio do empresário, [...] eles não pensam muito na questão ambiental, né! Há uma, digamos assim, uma degradação da natureza.

(Entrevista com Sujeito turista em um hotel-fazenda, realizada em novembro de 2008).

Entrevistamos um Sujeito que, além de silvicultor, pratica também a pecuária

em suas propriedades. As atividades necessitam de grandes extensões de terra. Observando elementos simbólicos de sua casa, sua vestimenta e seus atos, podemos notar que o Sujeito e os membros de sua família simpatizam com o tradicionalismo gaúcho. Após questionarmos como ele acredita que é a opinião da população local a respeito das plantações de Pinus, ela responde:

A. - Com certeza se tu fosse fazer uma pesquisa hoje no município perguntando simplesmente se tu é a favor ou contra o plantio de Pinus, provavelmente o resultado seria o maior percentual contra.

Carla – E o pessoal que lida com o Turismo?

A. - Esse aí é o pessoal que mais questiona que chega junto nos órgãos ambientais esse tipo de coisa. Então esse pessoal que é mais esclarecido que tem um certo poder econômico, então é um pessoal que consegue ter um poder maior de pressão de questionamento. Hoje quem mais questiona no município é a área de Turismo. (Entrevista com Sujeito silvicultor, realizada em dezembro de 2008).

Nesse momento, questionamos o Sujeito entrevistado se é possível ou não dizer que existe um conflito de interesses com o pessoal do Turismo e o pessoal das plantações de Pinus. Sua resposta foi positiva:

A. – Sim, com certeza.

Carla – E pro município tu achas que dá pra levar essas duas atividades, ou não?

A. - Acho que dá se tu tiver as normas claras do plantio, eu não sou favorável a explorar. Plantar 100% das áreas não. Tem que ser preservado os campos nativos, isso tem enfim isso aí tem que ser preservado não pode se perder esse patrimônio genético e tudo mais. [...] Acho que o que precisa é um regramento na atividade. Se tá completamente tomado de maioria Pinus fica feio. Se tu enche de Pinus, um capão, de repente uma extensão de campo, outra extensão de Pinus fica bonito. (Entrevista com Sujeito silvicultor, realizada em dezembro de 2008).

Em um outro momento da entrevista, ele pontua que “[...] se forem aplicar a legislação que tem hoje, todos os plantios do município, ou 99%, são irregulares. Questões de área de preservação, de reserva legal estão fora do local onde deveriam estar”. O silvicultor ressalta que existe a possibilidade de conciliar as duas atividades, porém seria necessário que as normas fossem claras e respeitadas.

Se compararmos a sua fala com a de Luiz, um Sujeito turista, podemos perceber que estas transformações no ambiente e na Paisagem de fato são percebidas por parte dos Turistas. O que muda é a interpretação e a importância que esses dão para essas transformações.

Luiz - Mas deixo bem claro aqui: não sou contra, mas ta modificando a Paisagem, tem a questão dos agrotóxicos perto dos arroios, dos lagos, e me parece que há uma ausência do Estado de novo na questão dos órgãos ambientais[...] mas sempre política, sempre o interesse do meio ambiente fica de lado [...]. Então, mudanças através pinos, as lavouras né! A água me parece que é uma coisa que fica prejudicada por que isso quando chove né! Provavelmente a água da chuva lave essas plantas né! E vão parar nos rios os agrotóxicos. Isso é muito ruim e nós não temos noção porque a gente vai notar isso mais adiante né! Nas futuras gerações. Como sugestões assim talvez, seriam grandes investimentos na área do Turismo, capacitar o lugar as pessoas, dar condições para se fomentar o Turismo e talvez e talvez não precisasse abrir espaço pra essas culturas que prejudicam muito o meio ambiente. (Entrevista com Sujeito turista, realizada em um hotel-fazenda, realizada em novembro de 2008).

Observamos um antagonismo entre os monocultivos arbóreos e outras atividades agrícolas com o Turismo. Contudo, o Sujeito entrevistado se preocupa em dizer que não é contra essas atividades, mas que devem ser fiscalizadas para que os impactos sejam minimizados.

5. Considerações finais

Com o exposto até este momento, pensamos que monocultivos arbóreos, nos moldes como estão sendo praticados em São Francisco de Paula, por grande parte dos Sujeitos silvicultores, não estão contribuindo para o desenvolvimento local. Os danos ambientais, as transformações na Paisagem e os impactos na cultura local e nos fatores simbólicos que são importantes para a identidade dos Sujeitos residentes não tendem a contribuir de forma positiva para o município. Grande parte dos Sujeitos residentes, dos envolvidos com o Turismo, e dos Sujeitos responsáveis pela gestão municipal neste momento demonstraram um descontentamento com os impactos dessa atividade no Território de São Francisco de Paula. Os atual prefeito ressalta que os danos são maiores do que os ganhos, uma vez que as estradas sofrem danos constantes com o transporte de toras, e o arrecadamento municipal em função dos monocultivos arbóreos são insuficientes. Ambos os Sujeitos entrevistados que plantam áreas de monocultivos de Pinus reconhecem que grande parte das áreas destinadas ao monocultivo arbóreo no município não respeita a legislação ambiental.

Alguns Sujeitos turistas entrevistados demonstraram descontentamento com

as transformações no espaço que eles atribuíram aos monocultivos de Pinus. As plantações nas margens de rios e estradas, nos banhados, em grandes extensões, os impactos na Paisagem e possivelmente no meio ambiente foram citados por esses entrevistados de forma crítica. A complexidade das relações não só entre os Sujeitos entrevistados com o Território que ocupam, mas entre eles próprios, nos fez perceber a contraditoriedade e a complementaridade existentes e que ajudam a tecer essas relações. A revelação da existência de um conflito de interesses entre o Turismo e os monocultivos arbóreos foi feita, em uma das ocasiões, por um Sujeito que pratica em sua propriedade monocultivo de Pinus que passava a cuia de mate para um Sujeito que atua com o Turismo no município. Dessa forma, as relações de proximidade entre muitos Sujeitos torna, por vezes, difícil a percepção desse conflito de interesses. Contudo, o relato de outro Sujeito que investe no Turismo Rural em São Francisco de Paula, mas que reside em Caxias do Sul, nos levou a perceber que o cotidiano é algo importante a ser observado. Não podemos querer tratar de forma linear algo tão diverso como as relações humanas e a sua consequente diversidade nas reações dos diferentes Sujeitos frente aos mesmos problemas. Esse Sujeito declarou participar ativamente em reuniões junto a grupo que discute as plantações de Pinus em São Francisco de Paula. Declarou ter sofrido ameaças e de se envolver em embates físicos com defensores dessa atividade. Possivelmente, pelo fato de não ter relações de convivência com grande parte dos Sujeitos residentes no município, esse Sujeito pode ter tomado a liberdade de questionar essas transformações que, segundo a sua percepção, o afetam.

Dessa forma, acreditamos que exista um conflito de interesses não somente entre o Turismo e os monocultivos arbóreos em São Francisco de Paula, mas os interesses de parte dos Sujeitos que plantam monocultivos em suas propriedades parecem conflitar também com os dos Sujeitos residentes entrevistados na pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BACKES, P.; IRGANG, B. **Mata Atlântica**: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 1998.
- BERQUE, A. Paisagem Marca, Paisagem Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. pp. 84 – 91.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

CASTROGIOVANNI, A . C._____. **A geografia do Espaço Turístico como Construção Complexa da Comunicação**. Porto Alegre: Tese (doutorado), Faculdade de Comunicação, PUCRS, 2004.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: O Estado da Arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999. pp. 59 – 98.

COSGROVE, D. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismos nas paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. pp. 92 – 122.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LUCHIARI, M. T. D. P.. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. 1 ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p. 09-28.

MEO, G. D. **Géographie Sociale et territories**. Paris: Nathan, 1998. p. 10 – 65.

MORIN, E. A noção de sujeito. In: SHNITMAN, D. F. (Org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-74

_____. **O Paradigma Perdido - A natureza Humana**, 6ª edição. Publicações Europa -América/Biblioteca Universitária, Lisboa, 2000a.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4 ed. Lisboa, Instituto Piaget, 2003. 181p.

SACK, R. D. **Human Territoriality**. Cambridge: University Press, 1986.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paula: Hucitec. 1996.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2003b.

SOUZA, M. L. de. A expulsão do paraíso. O “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p.43-87.

Endereços eletrônicos:

FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER – RS. **Zoneamento Ambiental para a Atividade de Silvicultura no RS**. Porto Alegre, 2008. Disponível em <http://www.fepam.rs.gov.br/biblioteca/zoneam_silvic.asp>. Acesso em 2008.

PROJETO BIODIVERSIDADE RS. **Biodiversidade RS**. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br>. Acesso em 01/03/2009.